



O TEMPO A FAVOR

“Eu sou aquele menino
que cresceu por distração.”

PAULO BOMFIM

DESDE QUE APARECEU, o homem demonstrou talento cognitivo, desenvolveu cultura e se tornou porta-voz da sociedade. Comunicou-se para evoluir, transpor a si mesmo e não estar só. Buscou superar a tarefa básica de sobreviver, esforçando-se ao longo do tempo para ser e, quando capaz, fazer feliz.

No desafio humano em alcançar a felicidade, a poesia destaca-se como pioneiro gênero literário. Quando surgiu, era apenas expressão sonora e, por isso mesmo, serviu-se de rima, métrica, ritmo e estruturas sintáticas capazes de permitir fácil memorização. Por muito tempo foi apenas declamada, para depois ser escrita. Mesmo na modernidade, manteve as suas características básicas.

O poeta pensa o mesmo de maneira diferente, provoca a si próprio e aos demais, sabe quando ser conciso, terno ou forte. É um arauto do sonho que tem como matéria-prima a verdade, estabelecendo assim uma irônica relação entre o real e o imaginário. Por isso é sedutor, encanta e apaixona. E, embora anjo rebelde, traz no coração e na mente a ternura só encontrada no que é divino.





Paulo Bomfim já nasceu poeta, porque antes mesmo de vir ao mundo, quando era apenas sangue e anseio, foi gerado em sonhos de amor e esperança. Nasceu príncipe e cresceu sob a inspiração da magia das letras. Como jornalista é testemunha dos principais fatos do seu estado, São Paulo, do Brasil e do mundo, por quase um século. Muitas dessas experiências tornaram-se sonetos, poemas e, até mesmo, prosa literária em dezenas de livros de sucesso.

Paulo Bomfim, desde sempre e para sempre foi, é e será um menino-homem e vice-versa. Ele soube domar o tempo sem usar chicote, apenas com sua inspirada lírica. Paulo é fonte inesgotável de conhecimento. Há seres com aura e seres sem ela, uma diferença essencial. Paulo é ser de luz perene, sua alma leve traz o peso de muitas lutas e conquistas, seus olhos têm o brilho da liberdade e refletem uma definitiva crença no amanhã melhor, mesmo diante das adversidades.

Na poesia de Paulo Bomfim o passado é teimoso, não aceita o seu lugar e se faz presente de maneira atualizada. Nada é apenas retratado como quando aconteceu, mas, a rigor, revelado com uma linguagem passível de entendimento em qualquer tempo. A memória do poeta é objeto de intenso trabalho, um arquivo inquieto e, portanto, um desejo vivo de contemporaneidade salta dos versos e nos envolve. Da sua paixão pela vida, renasce cotidianamente algo duradouro e com sabor de emoção. Assim, seu lirismo atravessa o tempo e vai do clássico soneto aos versos livres, com ritmo e sonoridade, com ou sem rima, mas sempre dentro de uma estrutura funcional.





Antologia Lírica, em boa hora publicado pela Miró Editorial, reúne 63 criações do poeta. Ele mesmo, e imagino o esforço para tanto, fez a seleção de seus versos preferidos.

Necessário, portanto, ler este livro e conhecer, inebriar-se com a pura poesia, descobrindo em cada verso o reverso da vida e, certamente, olhando dentro de si mesmo e encontrando sentimentos de amor, esperança e felicidade. Aqui está Paulo Bomfim por ele mesmo, por todos nós e para sempre. Com o tempo a favor.

R I C A R D O V I V E I R O S







O TRÍPTICO DE PAULO BOMFIM

GRANDES INTELLECTUAIS, SEJAM eles artistas ou sábios, nunca se contentam com o sucesso unilateral e monocórdio de um só caminho a trilhar. Todos se realizam quando plurificam as atividades e são capazes de dotar todos os seus produtos de dons da qualidade, da beleza, da sabedoria e da permanência. É esse um dom do classicismo, na medida em que ser clássico depende menos da obra feita e acabada e mais do sentido do eterno que rescende do fazer dos gênios. Como Midas das diversidades, os poetas, os músicos, os prosadores, os pintores, os escultores e os arquitetos aplicam os seus múltiplos talentos não no processo alquímico de tornar suas criações ouro, e sim, em dotá-las de uma grandeza superior, que as identifica com a eternidade. Leiam-se as biografias dos heróis da inteligência e nelas se achará a comprovação da veracidade destas reflexões. Nenhum deles esgota sua criatividade no cultivo de uma só modalidade de arte ou de ciência: todos são artesãos de uma pluralidade bem acabada, mediante o uso de seus meios expressionais e formais.

Ocorrem-me estas reflexões quando penso em pessoas do naipe de Paulo Bomfim. Tão bom poeta quanto prosador, além de um perfeito praticante da mais difícil das artes, que é a de ser amigo. *Eis um tríptico onde ele trafega com tranquilidade e admirável expertise.* Em cada um desses caminhos, colocou sempre a própria vida, e tudo valorizou com a sensibilidade criativa que





Deus lhe deu. Consagrado pela privilegiada expressividade que imprime ao que escreve, consegue encantar a todos que o rodeiam, com a magia dos seus falares e o calor que emana de sua serena presença. Curiosa é essa rara capacidade de colocar tanto requinte no trato com os amigos que o rodeiam! Arte como essa só para os eleitos, que, por sinal, se fazem cada vez mais raros.

O prosador se bifurca em memorialista e filósofo: no primeiro caso, guia-o o gosto historicista pela arqueologia das memórias familiares, de antepassados, que chegam ao bandeirismo, passando por protagonismos vários nas crônicas da república, do império e da colônia. Haja vista o conteúdo de livros como: *Tecido de lembranças, Janeiros de meu São Paulo, O caminheiro*. Quanto ao filósofo, este se revela nos pensamentos e nas reflexões condensados em pensamentos curtos, concisos, verdadeiros haicais em prosa – com temperos vários de um humor sutil e por vezes ferino, mas sempre cintilante, que sabe de longe a Oscar Wilde, Bernard Shaw e Agripino Grieco, com seus paradoxos e ironias –, contendo lições de vida de surpreendente profundidade. É o caso do gotejar de achados, em obras como: *Colecionador de Minutos, Navegante e Diário do Anoitecer*”.

Por fim, há que dizer algo do poeta, que, por sua rara competência em revolver os arcanos das fontes líricas da poesia, integra desde sempre a elite do movimento poético nacional contemporâneo, ao lado de Manuel Bandeira, Drummond, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Guilherme de Almeida e João Cabral. Este livro, o *Antologia Lírica*, que reúne 63 poemas dentre





os preferidos pelo autor, e sai a lume, numa homenagem pelos 86 anos de seu profícuo viver, é uma amostra qualificada da essência de sua expressão poética. Entre Horácio, que via na poesia um caminho de circunstâncias, próprio para comemorações diversas e aplicações práticas do didatismo exemplarizante, e Aristóteles, que atribuía à poesia a magicidade das palavras, tomadas sempre no seu mistério intrínseco, nem sempre ao alcance do homem comum, mas sempre acessível ao poeta, Paulo Bomfim pertence à pátria aristotélica da arte de poetar, aquela de que se ocupou, um dia, a genialidade de Croce, nos seus estudos sobre a natureza da poesia como a raiz de todas as artes. A poesia não nasce das realidades circunjacentes ao ser humano, mas das palavras relidas e interpretadas pela sensibilidade estética e não gramatical dos poetas. Como disse o próprio Paulo em “Descoberta”, que integra seu livro de 1973, *Poemas Escolhidos*:

Deixa que as cousas te interpretem,
Vive o mistério da terra
A vida terá partido com bicos
A casca da palavra.

Ou o que consta de um dos Sonetos desta nova *Antologia*, no qual reconhece o autor a função da poética como mensagem surreal da beleza:

O livro que hoje escrevo foi escrito
Em outro plano estático e diverso
Sei que morro ao fim de cada verso
E renasço no início de outro mito





Em cada letra de infinito
Há um diálogo mudo que converso
Como nebulosas de meu universo
Onde nasceu a página que dito.

Sei que sou neste instante o que já fui
E aquilo que recebo agora flui
De um campo superior onde me deito.

Durmo além nessa plaga que recordo
Só escrevo neste plano onde hoje acordo
Aquilo que ainda sonho no outro leito.

Como se vê, a semântica lírica tem seu próprio
dicionário, que só os verdadeiros poetas sabem ler.

PAULO NATHANAEL PEREIRA DE SOUZA

Da Academia Paulista de Letras

São Paulo, 2012.





SONETO

Venho de longe, trago o pensamento
Banhado em velhos saís e mareas;
Arrasto velas rotas pelo vento
E mastros carregados de agonias.
Provenho desses mares esquecidos
Nos roteiros de há muito abandonados
E trago na retina diluídos
Os misteriosos portos não tocados.
Retenho dentro da alma, preso à quilha
Todo um mar de sargaços e de vozes,
E ainda procuro no horizonte a ilha
Onde sonham morrer os albatrozes...

Venho de longe a contornar a esmo,
O cabo das tormentas de mim mesmo.





BASTA DE SER O OUTRO

Basta de ser o outro...
O herdeiro da terra,
O neto de seus avós!
Basta de ser
O que leu
E o que ouviu...
À terra devolvo
O cálcio, o ferro, o fósforo;
À nuvem devolvo a água rubra,
Aos mortos,
As angústias herdadas,
Aos vivos
Os gestos e as palavras recebidas...
Basta de ser o outro,
Colcha de retalhos alheios,
Cobrindo um frio de existir.

